

Perdas ameaçam gigantes financeiros

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — Depois de drenar rapidamente o capital aplicado nos países emergentes, desestabilizar as moedas das nações em desenvolvimento e tumultuar os mercados de títulos e de ações, os temidos operadores do mercado financeiro estão provando do próprio veneno. Amargando quedas de receita e prejuízos milionários no terceiro trimestre do ano, decorrentes da crise financeira mundial, as corretoras e os bancos de investimento começaram a demitir funcionários. A Merrill Lynch, a maior corretora dos Estados Unidos, entrou no vermelho e anunciou na semana passada que dispensará 3.400 pessoas, equivalente a 5% da sua força de trabalho, além de eliminar os 900 contratos de prestadores de serviços.

"Em função das incertezas claras na economia global nós antecipamos um ambiente futuro muito mais desafiante", disse David Komansky, executivo-chefe da Merrill Lynch. Essa pode ser a primeira leva de uma onda de demissões nas corretoras e bancos de investimento, que empregam cerca de 660 mil pessoas nos Estados Unidos, das quais 165 mil em Nova York, a meca financeira mundial.

Teme-se a repetição do sombrio final dos anos 80, quando o crash da bolsa de Nova York em outubro de 1987 levou à demissão de cerca de 50 mil operadores do mercado financeiro, sepultando o sonho de riqueza e poder dos jovens yuppies de ternos bem cortados e gel no cabelo que trabalham em Wall Street.

Foi a primeira vez que Merrill Lynch entrou no vermelho num trimestre desde 1989. O prejuízo, depois de descontados US\$ 288 milhões para pagar encargos decorrentes das demissões, ficou em US\$ 164 milhões, contra um lucro de US\$ 502 milhões no mesmo período em 1997. Suas ações, cotadas a US\$ 1,24 a unidade nesta época no ano passado, caíram para 28

cents a unidade no fechamento do balanço trimestral da corretora.

O prejuízo é consequência das perdas registradas nos mercados emergentes e da queda acentuada no lançamento de títulos e ações de empresas nos Estados Unidos. São nessas áreas que os cortes deverão se concentrar. "Há um ambiente econômico difícil à vista. Até recentemente, os mercados emergentes vinham sendo um ótimo nicho para bancos de investimento", diz Dean Witter, analista de títulos da Morgan Stanley.

Nem os executivos de primeiro time devem escapar das demissões. Segundo o Wall Street Journal, a Merrill Lynch irá substituir Daniel T. Napoli do cargo de chefe da área de administração de risco da corretora, que ajudou a desenvolver a forma que a empresa minimizar riscos e prejuízos nos seus investimentos.

Pelos últimos resultados apresentados por outras empresas do ramo, os prognósticos são mesmo sombrios para quem trabalha na área. Até julho passado vivia-se os anos mais rentáveis em gerações no mercado financeiro e os investidores estavam no paraíso. Depois da moratória (suspenção de pagamentos) russa, decretada em agosto, uma onda de pessimismo tomou conta do mundo que repercutiu imediatamente nos resultados dos bancos e corretoras.

Os números divulgados são



uma coleção de prejuízos que devem se reverter em várias demissões: em comparação com o mesmo período do ano passado, a receita do Banco Bear Stearns foi reduzida em 60%, do Bank of América diminuiu em 50% da Donaldson, Lufkin & Jenrette caiu 79%, da Paine Webber e do Citicorp, o maior grupo financeiro mundial, encolheu 27%.

O reflexo mais imediato deverá ser nos bônus pagos aos funcionários pelas corretoras e bancos de

investimento este ano. Sobretudo nos postos mais graduados, a maior parte dos rendimentos dos investidores vem dos bônus e não dos salário base. Segundo empresas de head-hunting, é comum que um operador tenha um salário base de US\$ 100 mil e um bônus anual de US\$ 900 mil.

Se estivermos falando de gênios do mercado financeiro, do nível dos prêmios Nobel de economia que trabalhavam do fundo de investimento Long Term Capital Ma-

nagement (LTMC), salvo da falência, depois de fazer uma série de apostas erradas, por uma operação de socorro organizada pelo Fed (banco central dos Estados Unidos), os valores são estratosféricos. Nesses casos, para um salário base de US\$ 200 mil, o bônus pode chegar a US\$ 30 milhões.

REFORMAS

"Todos nós em Wall Street estamos preocupados com os bônus e demissões", confirma David Hensley, economista da Salomon Smith Barney Holdings, que adiou uma reforma na sua casa até segunda ordem. Neste quadro atual, antecipa-se um natal mais magro em Nova York, cuja economia, por estar diretamente ligada a Wall Street, sente de perto as consequências do momento ruim no mundo financeiro.

A cadeia de lanchonete Cosi's, que abriu nove filiais na área de Wall Street nos últimos anos, impulsionada pela forte demanda dos funcionários dos bancos, por exemplo, já sentiu os efeitos da mudança de humor do mercado. Numa das lojas, as vendas caíram 20% em setembro. A Godman Sachs costumava fazer pedidos de US\$ 3 mil em comida a cada dois meses. Cortou o serviço por tempo indeterminado.

Jim Coleman, que administra uma loja de vídeo e som na região mais rica da cidade, o Upper East Side, onde um equipamento pode custar até US\$ 100 mil, conta que um cliente cancelou na semana passada um pedido de compra de um home theater (equipamento que é quase um cinema em casa).

"A mulher dele trabalha no mercado financeiro vendendo títulos garantidos pela prestação da casa própria. Ela foi informada que 80% do departamento onde ela trabalha não vai receber bônus algum este ano", disse ele. "Estamos vivendo a pior fase em cinco anos", acrescenta. "Aqui em Nova York estamos atrelados ao que acontece em Wall Street. Se lá vai mal, também vamos", resigna-se.